

ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra; DIAS, Raquel Borges; FERRARI, Flávio Azevêdo. O Processo de Criação do Audiolivro *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells: Uma Releitura Brasileira. *FAROL* – Revista Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Artes. Universidade Federal do Espírito Santo. n. 12. Vitória: Centro de Artes/UFES, 2014. p. 84-89.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO AUDIOLIVRO A GUERRA DOS MUNDOS, DE H. G. WELLS: UMA RELEITURA BRASILEIRA

Este trabalho tem como objetivo o estudo da criação de um audiolivro baseado no romance A Guerra dos Mundos, de H. G. Wells, traduzido para o português e adaptado para uma peça radiofônica. A história foi atualizada e assumiu características da estética radiofônica em que a voz desempenha o papel do protagonista de um teatro invisível. Toda uma rede de criação é tecida em torno dos documentos digitais que envolvem o processo de construção do audiolivro em análise, cobrindo etapas que vão desde a tradução do texto literário para o português até a adaptação do romance para uma peça radiofônica.

Palavras-chave:

A guerra dos mundos. Audiolivro. Peça radiofônica. Adaptação. Processo de criação.

THE CREATIVE PROCESS OF THE AUDIOBOOK THE WAR OF THE WORLDS, BY H. G. WELLS: A BRAZILIAN ADAPTATION

This article focuses on the process of creation of an audiobook based on the novel The War of the Worlds by H. G. Wells, translated into Portuguese and adapted to a radio play. Wells's story has been updated and acquired characteristics of the radio aesthetics where the actor's voice is the protagonist of an invisible theater whose stage is the mind of the listener. A creative web is woven with the digital documents involved in the production of the referred audiobook, thus encompassing from the translation phase of the literary text into Portuguese to the adaptation of the novel to a radio play.

Keywords:

The War of the Worlds. Audiobook. Radio play. Adaptation. Creation Process.

A Guerra dos Mundos (The War of the Worlds), romance publicado por Herbert George Wells (1866-1946) em 1898, é uma das obras mais lidas deste autor britânico, considerado por muitos como o pai da ficção científica e um dos autores mais inovadores da

sua época. Ele também se tornou conhecido por ter escrito clássicos da literatura moderna, como *A Terra dos Cegos* (1904), *O Alimento dos Deuses* (1904) e *A Ilha do Dr. Moreau* (1896).

A história retrata a Inglaterra vitoriana sendo invadida por alienígenas vindos de Marte. Sob o ponto de vista do narrador personagem, a obra, desde a chegada dos extraterrestres até o desfecho da invasão, perpassa temas como imperialismo, sobrevivência, horrores da guerra, religião e ciência.

Tão famosa quanto o romance é a sua adaptação homônima feita para o rádio, escrita pelo ator, roteirista e produtor americano Orson Welles (1915-1985). A transmissão da obra, em outubro de 1938, se tornou célebre por dramatizar o livro de Wells, adaptado para uma peça radiofônica que imitava o tom dos noticiários da época, relatando a chegada dos marcianos à Terra e as reações dos que presenciaram a invasão. A dramatização pareceu tão real aos ouvintes que resultou em pânico coletivo e congestionamento das linhas telefônicas de certas cidades americanas.

Gênero muito pouco difundido no Brasil, mas muito popular em países como Alemanha e Inglaterra, a peça radiofônica surgiu nos anos 1920, criando para a audiência daquela época um teatro invisível a olhos nus. Segundo Sperber (1980), consiste em um texto literário escrito para ser gravado em estúdio e transmitido através do rádio. Sem qualquer componente visual, a peça radiofônica tem o seu alicerce na voz, interpretação, trilha musical e efeitos sonoros, elementos vitais para estimular o leitor a construir mentalmente sua própria imagem dos personagens e da história contada. Atingindo o seu ápice de consumo e popularidade na década de 1940, a peça radiofônica perdeu a sua força com a chegada da televisão nos anos 1950.

Atualmente, o gênero ainda conserva certa popularidade, especialmente na Europa, mas o seu panorama de difusão sofreu uma mudança radical com o surgimento da *internet*. A grande maioria das peças radiofônicas, ao invés de serem transmitidas pelo rádio, agora se encontra disponível para *download* ou *streaming* (transmissão de dados sem armazenamento no computador do usuário) na rede mundial de computadores, geralmente em formato de arquivo.mp3, ou ainda em suportes físicos, como audiolivros em CD.

Com o objetivo de criar, pela primeira vez em língua portuguesa, uma peça radiofônica baseada no romance de Wells, um grupo de pesquisa traduziu o romance *A Guerra dos Mundos* no ano de 2013 e logo em seguida adaptou o texto traduzido para um roteiro de peça radiofônica a ser gravado em estúdio. O processo de tradução e revisão do texto de Wells durou cerca de oito meses, de Agosto de 2013 a Abril de 2014, contando com a

participação de bolsistas, voluntários e da professora orientadora. Posteriormente, iniciou-se o processo de adaptação do romance traduzido para peça radiofônica, que abrangeu um período de cinco meses, de Maio a Outubro de 2014. Já o processo de gravação da peça em audiolivro teve início em Outubro de 2014, e encontra-se em andamento.

Ao longo da adaptação para peça radiofônica, os pesquisadores levaram em consideração diversos elementos do gênero em questão. Assim, era necessário que as descrições fossem transformadas em diálogos, mas evitando-se a construção de muitos personagens, já que, no audiolivro, o receptor identifica os personagens através da voz. Ainda com base nos elementos de *A Guerra dos Mundos*, grande parte da ação presente no conto de Wells foi transformada em efeito sonoro, como pode-se observar no trecho abaixo (Figura 1):

<p>Som agudo de raio-laser. Um grito de agonia um pouco distante.</p> <p>Som de uma explosão bem próxima. Som do carro freando abruptamente. Sons robóticos e gritos de mais pessoas. Caos generalizado.</p> <p>CORTA ABRUPTAMENTE para: "Drive mycar", Beatles, a música já está quase no final.</p> <p>Som do final da fita. Gravador para. Tempo.</p>	<p style="color: red;">Respiração de Helen mais próxima.</p> <p>Helen: <i>(voz bem próxima ao gravador/um pouco hesitante)</i> Eles são enormes, parece que têm uns trinta metros ou mais. No meio da barriga tem uma coisa que parece um tanque d'água, os braços são como tentáculos de um polvo, no centro da cabeça tem duas coisas redondas que parecem grandes olhos fluorescentes. <i>(pausa/gritando)</i> AH! Meu Deus! Acho que aquela coisa queimou uma menina viva com um raio! Ah, Meu Deus!!!</p> <p>Jorge: <i>(gravador/aflito)</i> Você precisa manter a calma! Essa gritaria pode chamar a atenção deles!</p> <p style="color: red;">Jorge e Helen gritam desesperadamente.</p>
---	---

Figura 1: A GUERRA DOS MUNDOS, Adaptação para peça radiofônica, 2014.

No trecho citado, podemos observar a presença de diversos efeitos sonoros na coluna da esquerda, com letras em cor vermelha, apresentando som de raios, multidão, explosão, carro freando, sons robóticos, gritos e, por fim, uma canção. Na coluna da direita, podemos observar as falas das personagens Helen e Jorge, onde pode-se, inicialmente, ver uma descrição dos alienígenas que haviam invadido o planeta Terra: tratava-se de criaturas enormes, de cerca de três metros de altura, com algo parecido com um tanque na barriga, braços como tentáculos, olhos fluorescentes, com um raio capaz de queimar as pessoas. É interessante traçar um paralelo com a descrição feita por H. G. Wells em seu texto *A Guerra dos Mundos*, traduzido em 2013. Podemos observar a seguinte descrição dos alienígenas:

Uma grande massa acinzentada, talvez do tamanho de um urso, saiu do cilindro lentamente e com muito esforço. Enquanto engrossava e alcançava a luz, brilhava como se fosse de couro molhado.

Dois grandes olhos escuros me observavam sem piscar. Aquela coisa que me olhava tinha a cabeça redonda, pode-se dizer que tinha um rosto. Havia uma espécie de abertura abaixo dos olhos, como se fosse uma boca, mas sem lábios, que tremia e estava ofegante, e saía saliva o tempo todo. Toda aquela criatura arfava e pulsava convulsivamente. Um tipo de tentáculo agarrava a ponta do cilindro e outro balançava no ar.

Quem nunca viu um marciano, mal pode imaginar sua aparência estranha, a boca peculiar em forma de V, o lábio superior pontudo, a ausência de linhas de expressão na testa e um queixo sob o lábio inferior, que quase não se movia, o incessante tremor na boca, os tentáculos apavorantes, a respiração agitada por causa do contato dos pulmões com a nova atmosfera, além do peso evidente que tinham de suportar e da dor ao mover-se, devido à gravidade da terra, que era maior. Acima de tudo, destacava-se a imensidão daqueles olhos incríveis – eram ao mesmo tempo lívidos, intensos, anormais, desfigurados e monstruosos. Havia alguma coisa na sua pele marrom oleosa, que se assemelhava a fungos, um jeito desajeitado daqueles seus movimentos enfadonhos, que eram inexplicavelmente nojentos. Mesmo nesse primeiro encontro, à primeira vista, fiquei com nojo e com medo. (Wells, 2013, capítulo 04)

Como pode-se observar, a descrição dos extraterrestres feita por Wells era muito mais complexa do que a apresentada no texto adaptado. Isso se dá devido às características do meio para o qual a obra fora adaptada: um meio sonoro, onde o ouvinte conta apenas com a compreensão auditiva para entender a narrativa em ação, sem o acesso ao meio visual que está presente, por exemplo, em peças teatrais. Com isso, torna-se necessário realizar ajustes na obra adaptada para peça radiofônica, a fim de que a dramatização possa ser facilmente entendida. A redução de longas descrições, como a demonstrada acima, faz o texto fluir com mais eficácia e torna a experiência do ouvinte melhor e coerente com a oralidade, característica sempre presente em peças radiofônicas.

A estudiosa Linda Hutcheon (2006) afirma que adaptações podem sofrer alterações ao longo de seu processo de construção e, assim, podem ser compreendidas como processos e produtos que visam interpretar e recriar uma nova obra a partir de uma obra anterior, fazendo ajustes de acordo com os objetivos a serem alcançados pelo novo texto. Ao realizar uma adaptação, o autor relata histórias de formas diferentes usando as mesmas estratégias que contadores de histórias utilizam: atualizam ou tornam as ideias concretas, fazem simplificações, mas também ampliam; fazem analogias e criticam uma obra de forma positiva ou negativa. Na adaptação em questão, a obra recebeu efeitos sonoros, acréscimo e remoção de personagens e enredos, diálogos reestruturados, além de elementos da cultura ocidental pós-moderna, tais como as redes sociais, *smartphones*, televisores, como pode-se notar no

trecho abaixo (Figura 2), extraído da versão final do roteiro de *A Guerra dos Mundos* em português:

<p>Som do gravador sendo ligado. Fita rodando. Sons de mata noturna: Grilos, corujas, brisa, folhas sopradas. Uma respiração. Fogueira crepitando.</p>	<p>Jorge: (voz bem próxima ao gravador/aliviado) Muito obrigado amigo.</p> <p>Bispo: De nada!</p> <p>Jorge: (voz bem próxima ao gravador/aliviado) Ainda bem que isso não quebrou quando aquele cara jogou no chão. Levaram meu carro, mas deixaram o gravador, que é o que mais importa agora (pausa). Bom...mas eu já gastei muita fita com besteira, tá na hora de gravar o que importa. (hesitante) Há dez anos, David, que é um velho amigo meu, foi chamado para participar de uma excursão a Sibéria, onde havia caído um meteoro a 45 anos atrás. Ele e sua equipe ficaram incumbidos de escavar e analisá-lo, para fins científicos. Depois de alguns meses de escavação e análise, David encontrou algo que mudaria os rumos das nossas vidas para sempre, pois...</p>
--	---

Figura 2: A GUERRA DOS MUNDOS, Adaptação para peça radiofônica, 2014.

O trecho citado mostra algumas alterações realizadas pelos pesquisadores: inicialmente, podemos observar que o personagem que antes era descrito por Wells como um personagem sem identificação, na ora adaptada recebeu o nome de Jorge a fim de facilitar o entendimento da peça radiofônica para o público-alvo; também, pode-se notar a presença de elementos da sociedade dos séculos XX-XXI, tais como carros, gravadores, celulares, televisores; além disso, a obra adaptada apresenta diálogos entre os diversos personagens, e assim a obra ganha uma dinâmica que antes não havia no romance traduzido.

A adaptação feita pode então ser vista como um suplemento do romance escrito por Wells. De acordo com Derrida (1973, p.371),

[o] suplemento vem no lugar de um desfalecimento, de um não-significado ou de um não-representado, de uma não-presença. Não há nenhum presente antes dele, por isso, só é precedido por si mesmo, isto é, por um outro suplemento. O suplemento é sempre o suplemento de um suplemento. Deseja-se remontar do suplemento à fonte: deve-se reconhecer que há suplemento na fonte.

Dessa forma, o suplemento criado apresenta signos que ampliam o texto de partida, expandindo as possibilidades de interpretação da nova obra, já que a peça radiofônica criada foi enriquecida com elementos desse gênero, como vozes, efeitos sonoros, e também recebeu uma atualização no tempo e no espaço da narrativa. Carroças e bilhetes foram trocados por

carros e conversas ao celular, as notícias da invasão alienígena, antes passadas no boca a boca, de um vizinho para o outro, agora são televisionadas ou consultadas na *internet* pelos personagens. A adição desse novo contexto histórico-cultural é vital para a sobrevivência da obra e a chegada da mesma a outros pólos de recepção, de modo que o texto adaptado se torna mais familiar ao leitor/ouvinte atual.

Além disso, os próprios meios de análise da obra têm se modificado com o passar do tempo. Até o fim do século passado, os estudos de processos criativos utilizavam-se, em sua grande maioria, de manuscritos produzidos à mão. Entretanto, com o passar do tempo, as análises foram se desenvolvendo e, atualmente, podemos analisar manuscritos modernos (Biasi, 2000) e até mesmo manuscritos já criados em meio digital. Um exemplo disso é uma sessão de gravação de áudio do Pro Tools, programa de computador utilizado para gravação e edição de vídeo e áudio. Como pode-se ver na figura (Figura 3):



Figura 3: Sessão do Pro Tools, Gravação de *A Guerra dos Mundos*, 2014.

A faixa de áudio em azul representa a gravação sem cortes da voz de um personagem de *A Guerra dos Mundos*, com todos os seus erros, falsos começos, diferentes versões de uma mesma fala, e até discussões entre o ator e o técnico de som e/ou diretor quanto a cacofsias, possíveis reestruturações de frases, entre outros. A faixa em verde mostra os cortes selecionados e editados que serão aproveitados, enquanto a faixa em lilás representa falas que precisam ser regravadas. É possível, então, observar vários manuscritos de diversas fases da

gênese da adaptação em uma só tela, o que possibilita o estudo genético em um novo campo do saber digital.

Assim, o breve percurso criativo aqui delineado demonstra de que forma podemos utilizar a metodologia da Crítica Genética a fim de analisar o processo criativo de uma obra tão complexa como *A Guerra dos Mundos* ao ser traduzida, adaptada e gravada em audiolivro. Certamente, a pesquisa poderá ser aprofundada com a continuação das pesquisas de iniciação científica e mestrado que vêm sendo realizadas na Instituição promotora desta investigação.

REFERÊNCIAS

BIASI, Pierre-Marc de. **La génétique des textes**. Paris: Nathan, 2000.

DERRIDA, J. Des Tours de Babel. In: GRAHAM, J. (Ed). **Difference in Translation**. London: Cornell University Press, 1985. p. 165 - 174.

HUTCHEON, Linda. **A Theory of Adaptation**. New York: Routledge, 2006.

SPERBER, George Bernard (org.). **Introdução à peça radiofônica**. S. Paulo, EPU, 1980.

WELLS, Herbert George. **The War of the Worlds**. The Project Gutenberg eBook, 2012. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/36/36-h/36-h.htm>> Acesso em: 05 nov. 2013.